

A Lanterna

JORNAL DE COMBATE AO CLERICALISMO

ASSINATURAS:
Ano..... 15\$000 — Semestre.... 8\$000
Avulso, 200 — Atrasado, \$400

Diretor: EDGARD LEUENROTH
Redação e Administração: Rua Senador Feijó n.º 8-B
Caixa Postal, 2162 — S. Paulo

ANO XI — NUM. 354
SÃO PAULO, 13 DE JULHO DE 1933
Aparece às quintas-feiras

Se o Brasil não acabar com a influencia do padre, o E amanhã? padre acabará com o Brasil!

No dia 11 de fevereiro de 1929, dia, como sabeis, do tratado de Latrão, enquanto Mussolini, delegado de Sua Magestade o rei de Italia, e o cardeal Gasparri, delegado de Sua Santidade, o Papa, assinavam o infamissimo documento de escravização mental e moral da Italia, o sumo pontífice, Pio XI, dirigia aos pregadores romanos da quaresma, recolhidos no Vaticano, uma alocução, publicada em 13, no **Osservatore Romano**.

Nessa alocução respondendo a dúvidas levantadas mundialmente sobre as condições mesmas do tratado, Pio XI, á pergunta: se ele solicitara consentimento das demais nações, ou garantias, respondeu que ele, representante de Deus na terra, não precisa de autorização de ninguém, nem pede garantias a ninguém. Acrescentou que nenhuma garantia é segura em tais assuntos e rematou assim: "... como poderíamos Nós (os papas, humildes servas de Deus, escrevem sempre **Nós**, com **n** maiúsculo) procurar aí defesa certa contra os perigos do futuro? perigos que, no caso presente, não podem ser menos que hipotéticos e jamais tão improváveis foram?"

Sua Santidade, pois, está certo que o tratado de Latrão não hoje para o Estado onde ele é rei. Não o aguenta Mussolini? Quem se atreverá, no mundo, a arremeter contra uma decisão do **Duce**? Não haja medo, pois; o Estado pontifício é rocha firme, granito autêntico, sem desequilíbrio nem erosão possível.

E á pergunta: "E amanhã, que será?", responde assim: "Essa questão deixa-Nos mais calmo ainda, porque podemos responder simplesmente: **Nada sabemos. O futuro está nas mãos de Deus; está pois em boas mãos**".

Pio XI, portanto, está seguro, segurissimo, e transmite sua confiança rija a quantos o ouvem da grei santa. Mussolini é forte e mais forte é Deus, em cujas mãos se acha o destino da esposa amada! E o padre santo aperta com as mãos enclavinadas o vasto ventre farto, cuja ciclópica fortaleza transfere ao ilibado espírito essa calma, superior a tormentas e fusuês.

Pio XI não receia nada. Perigos? São hipotéticos. Seu aliado é um colosso e... braço é braço!

Todavia, de cá de fora, ousa recear muito pelas seguranças do recente trono. E' lícito comparar a Itália a uma chaleira de água fervendo que um maluco houvesse conseguido, com tampões violentos, clausurar hermeticamente. Nem queiram saber do estouro!

Dêsse estourozinho, muito ameaçado está, se não morrer antes, o napoleãozinho da **Italia nova**, a julgar pela pressão oficial dentro do país.

Sua Santidade fez abertamente o que todos nós sabíamos fazer ele ocultamente: aliou-se de cama e mesa ao reacionarismo metalurgico e armamentista italiano representado pelo seu cometa-mor, Benito Mussolini.

Essa aliança, dadas as condições do acordo e a posição política do aliado, ha de ser para a vida e para a morte como a de todos os namorados. Vai ser para a vida, quer dizer, para o enriquecimento mútuo, para o enrijamento e garantia dos dois aparelhos de sucção, o fascista e o católico, ambos com suas ventosas terminais aplicadas coercitivamente no costado sanguejante dos trabalhadores italianos.



Vai ser aliança para a morte, quando, em época talvez não muito longe, a revolta proletaria se desencadear na Italia.

transgida ao velho mussolinico e ás hóstias papais, vai acumulando, decenalmente, o ódio do escravo, armazenando, com as fundas raivas e insuportáveis dores, miséria, fome e humilhações, esse potencial de rebeldia frequentes vezes destravado em vários tempos e países.

Então, no reboliço catastrófico, o rancor antifascista conjugado ao rancor antipapal acenderá tochas conflagrantes no palácio Chigi e no Vaticano. Os dois déspotas serão cortados pelo mesmo alfanje ou voarão esbarraigados das tripas pela mesma bomba vingadora.

A história nos confirma nessas previsões sinistras. A quasi totalidade dos tiranos pôdres e dos paspalhões emproados tem ruído precipitadamente, aos embates dos aríetes revolucionários. As mesmas armas fabricadas pela metalurgia sanguinária, e em mãos dos pobres postas pelos ricos para lhes defenderem os haveres, hão de servir um dia, por essas mesmas mãos vibradas, para esventrar reis, primeiros ministros, papas e jesuitas, toda a camorra da alta, cevados na desgraça alheia e insensíveis, na sua ganancia rapinante, ao choro secular das multidões famintas.

O **diez irae** se avizinha. Já pregozamos a visão dantesca de uma dança universal entre labaredas vivas. Veremos girar, na furia ígnea, cardiais vermelhos, bispos roxos, reis e rainhas purpuros, entre os hurras vitoriosos da humanidade libertada.

José Oiticica.



A EXPULSÃO DOS JESUITAS

A seita maldita foi expulsa da Boemia, em 1618; de Malta, em 1643; da Russia, em 1723; de Portugal, em 1759; da Espanha, em 1767, anno em que também foram expulsos da Sicilia e de Napoles.

Quando será expulsa da face da terra?

A existência de "A Lanterna"

"A LANTERNA" foi fundada em 1901, aparecendo o primeiro numero em 7 de Março. Essa fase durou até 29 de Fevereiro de 1904, sob a direção de Benjamin Motta, sendo publicados 60 numeros, com 28 em edição diaria, que durou de 15 de Dezembro de 1903 a 24 de Janeiro de 1904. Foi, portanto, de 3 anos, a primeira fase de nosso jornal.

A segunda fase foi iniciada em 17 de Outubro de 1909 e durou até 19 de Novembro de 1916, sempre sob a direção de Edgard Leuenroth.

Durou a segunda fase 7 anos, durante os quais foram publicados 293 numeros.

Computando apenas os anos de publicação, "A LANTERNA" tem um ativo de 10 anos de existência, com 353 numeros publicados.

Entramos, portanto, no 11.º ano de publicação, com o numero 354. E' o que fazemos figurar no cabeçalho.

O nosso anticlericalismo

O nosso não é o anticlericalismo que, com algumas medidas anódinas e inofensivas contra o "poder ecclesiastico", procura, não favorecer a liberdade e o povo, mas fortalecer outro poder, outro privilegio, prolongando-lhe a vida e salvando-o das ameaças de um movimento reivindicador de justiça social. Esse anticlericalismo, que repudiamos com asco, é instrumento de governo e de opressão, é o ultimo refugio dos regimens na agonia.

Nada tem de comum com o nosso anticlericalismo integral — contra a Igreja, como poder político, economico e religioso como força material e espiritual, como sustentaculo de tiranos e apoio de privilegios, como estorvo á emancipação social. Nós não queremos consolidar privilegio algum, defender a "supremacia" de poder algum. Somos por todas as liberdades contra todas as opressões.

A expressão anticlericalismo, tornando-se integral, como nós o fazemos, abrange:

a) Luta contra os padres, para mostrar as contradicções da sua vida com a sua doutrina, o seu sacerdocio como profissão, tendo o interesse material por base, etc., e que é importante para as camadas mais simples da população, que vêem o padre e não os dogmas e mitos, como importante fol, para o povo que não lla os enciclo-

pedistas, a propaganda pelo libelo, pelo panfleto, contra a realza, a nobreza, e o clero.

b) Luta contra a influencia politica da Igreja — pela ação direta, pela propaganda extra-parlamentar.

c) Propaganda para mostrar o poder economico da Igreja, a Igreja como empresa, como auxiliar da exploração capitalista, como divisora do proletariado, fatora de crumirismo. Este ponto é importantissimo.

Esse é o nosso anticlericalismo e por ele orientaremos a nossa atividade, como sempre o fizemos.

Sermões ao ar livre

Vinte seculos de influencia da Igreja

Ninguém ignora que a igreja foi e é uma efficacissima colaboradora de todas as obras de destruição. (De todas não, que sempre velou pelo aumento de seu formidavel poderio economico e seu predomínio moral edificado sobre o medo que sempre semeou na alma das multidões ignorantes...) Acendeu as guerras, avivou os ódios, estendeu a ignorancia, acrescentou os vícios, benzeu os canhões, excomungou aos pacifistas, orlrou de aparências científicas á mentira e envolveu á VERDADE no obscurantismo de um ensino abafador de verdades...

Pode dizer-se que a Igreja tem sido a mais eficaz criadora e animadora do espirito beligerante que desencadeou as maiores catastrofes guerreiras.

O sabio, que no laboratorio gasta o melhor da sua vida para aperfeiçoar um meio de destruição humana, o técnico que inventa um novo, mais eficaz e mais simples instrumento de morte, ou o militar que pode exibir a demonstração de que anulou o maior numero de vidas, tem na Igreja o primeiro aplauso, a primeira felicitação. E como a Igreja regula, direta ou indiretamente, a atuação da burguezia em todos os seus aspéto, aqueles aplausos e felicitações transformam-

rios, trabalham tenaz, progressiva e valentemente para a harmonia universal.

Por isso, os amigos da liberdade, os homens que nos sindicatos, nos centros culturais, nos grupos de afinidades lutam para impedir a guerra, devem ter em conta que ao lado de muitos fatores que a determinam está a Igreja com a sua vastissima ação liberticida, na que se destacam os criminosos sistemas de educação.

Pode dizer-se que as guerras que têm assolado o mundo e a extraordinariamente temível e bárbara que se prepara é o lógico corolario de 20 séculos de civilização ultramontana.

A "pobreza" do Papa

O guarda-roupa mais rico do mundo é o do Papa. A etiqueta o obriga a usar roupa diferente em cada dia do ano, e quasi todos os ornamentos que usa estão cheios de ouro e pedras raras.

Seus solidéos são da melhor seda que se fabrica e as sandalias de terciopelo que usa são preciosas, mas as luvas ainda ficam mais caras, pois são de lã branca e têm uma cruz bordada a perolas. Para extrair a lã destinada aos vestidos do Santo Padre cria-se um rebanho escolhido de 50 cabeças de ovelhas brancas.

As sobrepelizes são de gravados soberbos e a chamada "capa magna" é materialmente um conjunto de ouro e pedras preciosas.

E é para alimentar a pompa desse parasita e explorador que os pobres diabos vivem a sacrificar-se!

CAUTÉRIOS

— "A LANTERNA" REDIVIVA —

Santa gente, que tens o bom costume
De comer hostias e sugar galhetas,
Fogel procura os cafundós, e as gretas
Do côio calafeta com betume!

Pois, sem temer corôas e carêtas,
"A LANTERNA" de novo acende o lume,
Toma do gladio de escaldante gume
E põe-se á frente da hoste dos capêtas!

Que o tredo bando clerical se esconda,
Que ela as vilezas todas esbarrenda,
Com a viva luz que a escuridão desfaz.

Guia-a, a pulsar-lhe, vivido, no peito
De desassombro e de revoltas feito,
O coração de Mestre Satanaz!

BEATO DA SILVA.

O Jesuitismo espanhol

Manifestou-se, ha pouco, uma crise ministerial na Espanha, a primeira depois de estabelecido, legalmente, o regime republicano. O sr. Azaña, um dos chefes da esquerda democrata, que se apoiava tambem em grupos socialistas, pediu demissão ao presidente Alcalá Zamora. Feitas as consultas da praxe, e após a recusa de varios politicos de organizar governo, não houve outro remedio senão chamar o mesmo sr. Azaña ao poder, porquanto ele gosa ainda das simpatias e da confiança dos sinceros propagandistas do regime.

A crise politica espanhola foi considerada, entre os nossos levanos plumitivos, como um incidente banal, muito comum em paizes, que adotam o sistema parlamentar. Esses plumitivos aproveitaram mesmo a oportunidade para alinhar uns argumentos ineptos contra os que, no Brasil, se batem pela adoção da engrenagem politica, que fez a felicidade da Inglaterra... emquanto dominou o mundo com o monopolio do carvão e as reservas de ouro nos porões dos seus bancos. Não somos apologistas do parlamentarismo, nem de qualquer outro sistema, creados pelos possuidores da fortuna para disfarçar a democracia. Mas não podemos concordar com a semcerimonia, a superficialidade e a inconsciencia com que se criticam, nesta terra de prodigiosos talentos, os incidentes internacionais, que aqui têm repercussão graças aos serviços das agencias telegraficas. A queda do primeiro ministerio constitucional da Espanha tem as suas origens em causas proximas de suma gravidade, que requerem exame agudo por parte dos espiritos não embotados por preconceitos de uma sociedade, educada na hipocrisia e no obscurantismo. A principal

por instrumento os dicipulos contemporaneos de Santo Inacio de Loiola. Não inventamos, não caluniamos. Para demonstra-lo, vamos citar fatos, que chegaram ao nosso conhecimento por intermedio das indiscreções dos agentes dos referidos dicipulos de Loiola, espalhados por todo o mundo, principalmente nos paizes novos da America.

O "Bureau International de Documentation Latine", sustentado pelos reacionarios francezes, quasi todos absolutistas e catolicos, fez publicar um boletim, denominado "Espanne", em que vêm relatados os imponderaveis, que provocaram a primeira crise de gabinete na Espanha republicana. O melhor é transcrever o trecho do artigo, que mais nos importa:

"No dia 23 de abril, os espanhóes deviam eleger 16.000 conselheiros municipais, em 2.447 localidades. Conquanto o governo houvesse tomado a precaução de chamar ás urnas tão somente localidades sem importancia, visto como nos centros mais desenvolvidos havia a certeza de um desastre, a "auscultação" tinha importancia. As localidades que se manifestaram contrarias ao governo, são aquelas onde o mesmo tivera a artimanha de afastar os seus inimigos, substituindo-os por comissões de controle dedicadas á sua causa, para melhor, preparar o triunfo eleitoral.

E' preciso fixar bem que as eleições em causa se realizaram sob a égide da famosa lei "de exceção", denominada de "Defeza da Republica", que entrega discricionariamente ao ministro do Interior a totalidade dos direitos individuais e constitucionaes dos cidadãos espanhóes... Apesar de tudo isto, a opposição elegue mais de 11.000 conselheiros e o governo 5.000 apenas. Os partidos catolicos foram os que triunfaram em maior escala, notadamente o Partido Agrário, que, de subito, se revelou uma potencia. Na imprensa e no parlamento ecoou intensamente tal resultado. Circularam imediatamente boatos a respeito da queda do gabinete Azaña. O mencionado gabinete, de combinação com os socialistas, esforça-se desesperadamente para permanecer no poder, impondo a sua tirania despótica á nação espanhola, que o renega e, por varias vezes, manifestou desejos de o pôr á margem".

Leram bem este trecho, que transcrevemos na integra para ilustrar os liberaes brasileiros? O liberalismo, que se funda no respeito ás prerogativas individuais, dá os funestos resultados,

acima expostos, desde que o capital e o pulpito continuem na posse dos ultramontanos. Com muito sacrificio, proclamou-se a Republica no paiz de Castellar. Com que fim? Para afastar, da alta direção politica, os tradicionalistas retrogradados, que têm feitiço pelo trono, pelo altar e pela sacristia. Travou-se tremenda luta durante perto de cinquenta anos, entre os velhos e os novos elementos da sociedade. Os velhos foram vencidos, e os novos agora, por má compreensão dos principios, se acham ameaçados pelo trabalho surruteiro dos curas e párcos das aldeias e vilas, pagos pelos proprietarios de latifundios e das companhias monopolisadoras e majestaticas. Nem mesmo as leis de "Defeza da Republica", votadas ali para prevenir qualquer assalto dos ultramontanos, evitaram as manobras astuciosas dos jesuitas, tanto dos maiores, que estão no exilio, como aos menores, que se conservam humildemente nas zonas rurais para entrar os progressos moraes e materiais do novo regime.

Qual será a sorte da Republica na Espanha se os democratas e socialistas não tomarem, por norma de ação, uma frase feliz de um jornalista peninsular: "a nação é de todos, mas o Estado é nosso"? Se os estadistas do novo regime se deixarem enleiar pelo sofisma de que "a nação é de todos", dando aos seus inimigos toda a liberdade, depressa se dará a volta de Afonso XIII a Madrid, com toda a sua corte de bispos e padres, que obedecem aos jesuitas. Na Peninsula Iberica, já ha um exemplo contristador: é a Republica Portuguesa. Os democratas e socialistas luzos, com o seu entranhado amor aos principios da Revolução Franceza, permitiram que os vrigos das aldeias e das cidades fizessem obra de sapa contra o regime, implantado em 1910. Dez anos depois, os homens da sotaina negra, mascarados de **integraristas, fascistas e monarquicos**, estavam instalados nas Universidades, nas escolas tecnicas, nos ginasios, nas repartições publicas nos bancos até — pasmem,

os meios de Brasil — nos proprios partidos avançados da Republica! Quem manda hoje em Portugal, que só por escarneio ainda é Republica? O sr. Oliveira Salazar, dicipulo dileto dos jesuitas, amigo intimo dos padres e dos bispos, e que não dá um passo sem consultar os ultramontanos.

Para que vingue qualquer ideia nova, a repressão e a violencia se tornam necessarias. Mustafa-Kemal, ditador liberal da Turquia, teve de usar de meios drásticos para obter os seus fins. Se não golpeasse a fundo o islamismo, que tambem possuía o seu jesuitismo, ele não executaria o seu arrojado programa de **ocidentalisação** do seu povo. Os liberaes e socialistas espanhóes, se não quizerem ver destruido o seu trabalho de tantos anos, precisam reabilitar as figuras "sinistras", embora um tanto anacronicas, de Danton e Robespierre...

Ambrosio.



Aos amigos da Capital

Dependendo a publicação d' "A LANTERNA" da contribuição de seus amigos, iniciamos com o aparcimento deste numero a cobrança das assinaturas.

Os assinantes da cidade devem fazer o pagamento na administração. Isso nos poupará despesas e nos facilitará o trabalho, que nos asseberba presentemente.

Quem não o puder fazer, que providencie para que os nossos cobradores não façam caminhadas inúteis. Todos devem deixar ordem para que o pagamento seja feito.

Estão encarregados do serviço da cobrança em S. Paulo os companheiros Francisco Arouca e João Felipe.

Quem é, de fato, amigo do jornal, deve contribuir para o exito de seus esforços, que são em beneficio d' "A LANTERNA", da campanha anticlerical, portanto.

7 de Março de 1901

Foi ha mais de 32 anos! No dia 7 de Março de 1901, sob a minha direção e responsabilidade, apareceu "A LANTERNA".

Diante da invasão do país pela fradaria repulsa do Equador, de Cuba, de Porto Rico e das Filipinas, eu, que já vinha, desde 1897 dando combate ao clericalismo, achei que era preciso recomenciar a campanha interrompida pela imprevidencia republicana.

E, disse, no artigo de apresentação d' "A LANTERNA":

"Formidaveis exercitos invasores, armados com as mais aperfeiçoadas máquinas de guerra, fabricadas pela nossa falsa civilização para semear a morte nos campos verdejantes do trabalho, são muitas vezes repellidos por um pequeno grupo de homens, munidos de armas de defesa mais baratas e até mais frageis, mas que se batem com mais arrojo do que as tropas mercenarias do invasor.

E' poderoso e formidavel o exercito clerical que se pôz em marcha para conquistar esta terra e já está alvejando-nos com os seus golpes. São terriveis as suas armas: o diñheiro e a hipocrisia.

Nós somos, apenas, um punhado de homens. Somos dez? Somos vinte?

Que importa! Seremos legião amanhã quando todos que sabem quanto o clericalismo é prejudicial, quanto o jesuitismo é nefasto, quanto o beaterio embrutece os povos, decidirem-se a vir engrossar as nossas fileiras, fortalecendo o nosso campo".

"A LANTERNA", distribuida gratuitamente, chegou a todos os recantos do Brasil, e, de toda a parte vieram auxilios dos anticlericais que se arremetiam para o combate. Havia, constatei, no nosso país, uma legião de homens que

Azeite para "A LANTERNA"

Não distribuímos listas, não solicitamos contribuições antecipadas, mas mesmo assim a publicação d' "A LANTERNA" não deixaria de aparecer neste primeiro numero de sua nova fase. Assim resolveu-se: bons amigos de D. Duarte... Seja feita sua vontade...

O amigo A. P., como um desafio aos papa-hostias de seu conhecimento, alem de pagar uma assinatura anual, contribuiu com \$5000 para o azeite herege.

O companheiro Francisco Alexandre liquefez em azeite 30 exemplares de seu magnifico folheto que será vendido a \$1000 o exemplar.

O companheiro Affonso Schmidt quiz tambem azeitar "A Lanterna", enviando-nos uma coleção de bons livros e um disco para gramofone, que vamos pôr á venda.

Quem mais quer azeitar "A Lanterna"?

Em Jundiá e Campinas

Prevenimos os amigos de "A Lanterna" de Jundiá e Campinas que serão visitados esta semana pelo nosso companheiro Francisco Valdivia, que vai proceder á cobrança das assinaturas.

A necessidade de reunir recursos para garantir a publicação do jornal nos obriga a apressar essa cobrança.

Não pôde ser de outra forma. Isto aqui não é Vaticano, bispaço ou sacristia, onde caem os contos de réis como o maná do céu.

Se não nos fornecerem o azeite necessario, "A Lanterna" não poderá lançar a luz da verdade sobre os antros da clericalinha.

Que todos contribuam para a rapidez do trabalho do nosso companheiro. Sabem os amigos que essa viagem exige muitas despesas. Tratem, pois, de limitá-las.

Poderão, entretanto, prestar um auxilio mais eficiente, remetendo desde logo as importancias de suas assinaturas, antecipando-se, pois, vantajosamente, á visita do cobrador.

não queriam para o Brasil o regime que desgraçou tantos povos, embrutecendo-os e levando-os á cristalisação da sua civilisação nascente.

Motivos superiores á minha vontade e á minha dedicacão pela ideia, obrigaram-me a suspender a publicação d' "A LANTERNA", que anos mais tarde reapareceu sob a direção do dedicado lutador Edgard Leuenroth, a quem a confiei e que hoje a faz resurgir novamente.

Em 1901 nós estavamos ameaçados da invasão jesuitica e eu quiz, esclarecendo o povo brasileiro sobre o que é o cancro clerical-jesuitico, livrá-lo de futuras desgraças.

Hoje, trinta e dois anos passados, estamos sentindo o efeito da educação jesuitica nas gerações novas.

Roma, na sua sede de dominação, encheu de bispos do Brasil e em cada bispado surgiram os seminarios e os collegios entregues á fradaria estrangeira, animada pelo espirito de dominação e pelo desejo de plasmar consciencias dóceis ao dominio clerical.

Prêga-se, por ahi, que o liberalismo, filho da Revolução de 89, está falido e que é preciso o dominio da força bruta.

A espada e o hissope deram-se as mãos e vão sendo suprimidas as liberdades conquistadas. Dentro em pouco, o estado leigo terá desaparecido, esganado pelos tonsurados, ad majorem dei gloriam!

Unamo-nos, pois, novamente os anticlericais, numa união permanente e indestrutivel, que nos conduza á vitoria, em defesa da liberdade de consciencia e contra o polvo clerical.

Moço, encetei a luta. Já velho não fugirei dela, porque me anima o mesmo ideal de liberdade!

BENJAMIN MOTA.

Pingos de Agua-Benta

VOCAÇÃO.

— Ah, vizinho boticario, pois ordenou-se tambem?

Apegue-me a revirar.

Pois se eu não tinha vintemil (A vocação de ordinario, depende do numerario).



RECEITA

— Pois, camarada, não bebe?
— Não bebo, não tomo nada.
— Faça o que eu fiz, camarada, faça-se padre, percebe?...
(Clara-boia na cabeça, é quanto vinho apareça).

JOÃO DE DEUS.

Voltando á luta

Foi com o seguinte boletim, distribuido aos milhares por todos os recantos do Brasil, que anunciámos o reaparecimento de nosso jornal.

A LANTERNA volta á atividade para reencetar a luta decidida que durante longos anos sustentou contra a ação avassaladora do clericalismo.

O ultramontanismo corruptor age hoje no Brasil como dominador absoluto. A sua influencia nefasta infiltrou-se como um virus pegonhento por toda a parte:

no âmbito familiar, devassando os lares; nas escolas, tentando dominar as consciencias das crianças e da mocidade; na politica, transformando os templos em centros eleicoeiros, servindo-se do confissionario para arrancar votos em favor dos jesuitas de casaca; em todos os ramos da administração publica, com o fim de manejar em proveito de seus privilegios odiosos; nos centros associativos, nas esferas commerciaes e industriaes, para explorar todas as situações, fazendo da caridade um instrumento de mercantilismo vil, colocando-se ao lado dos vencedores do momento, defendendo a ação dos potentados em detrimento dos direitos do povo.

O Brasil está sendo transformado em sucursal do Vaticano, que dispõe hoje de um governo com jurisdicção por todo o mundo. O Brasil é hoje o refugio de toda a parasitagem clerical escorraçada de outros paizes que se estão libertando dessa praga corrosiva.

Urge fazer-lhe frente com decisão, numa luta sem treguas, ativa, tenaz, desassombrada.

Para isso resurge A LANTERNA, o tradicional jornal anticlerical que durante anos a fio batalhou decididamente contra todas as manifestações do dominio da gente que explora o povo sob as ordens do Vaticano.

A LANTERNA procurará ser um veículo ativo do movimento anticlerical de todo o paiz, estabelecendo a ligação entre todos os elementos dispostos a batalhar contra o jesuitismo de batina e de casaca.

Para sustentar essa luta, A LANTERNA tem de contar e conta com a coadjuvação de todos os elementos anticlericaes.

A' luta, pois, contra o clericalismo e em prol da liberdade de consciencia!

Pedimos a todos para que nos angariem assinantes e para que nos enviem nomes de pessoas a quem o nosso jornal possa interessar e a quem remeteremos alguns exemplares a titulo de amostra.

Acesso de loucura ou excesso de franqueza?

Acometido por um acesso de loucura, um padre acusa-se a si proprio

Tendo como titulo o subtítulo acima, appareceu nos jornaes o telegrama seguinte:

"RECIFE, 23 (H.) — O padre Henrique Vieira, vigario de Piedade, em um acesso de loucura que o acometeu, durante as festas marianas que se realizaram, fez, perante o publico, sensacionais revelações, accusando-se a si mesmo e dizendo-se um monstro.

O fato causou profunda e dolorosa impressão entre os ouvintes".

Essa noticia reclama uns comentarios, embora ligeiros.

Como se explica que um padre tenha enlouquecido exatamente numa igreja, sabendo-se que a igreja considera o louco um endemoninhado?

Quanto ao fato da auto-acusação feita pelo citado vigario, podemos fazer duas suposições:

1.ª — O padre Henrique Vieira não está louco, mas, num excesso de franqueza, quiz humilhar-se publicamente, fazendo o que entre os primitivos cristãos era frequente: a confissão pública de seus feitos imorais, o que a igreja não recebendo bem, fa-lo passar por um insano.

2.ª — O padre em questão enlouqueceu, de fato, o que nos leva a pensar quanta sujeira, quanta miseria moral, quanta iniquidade e mesmo quantos crimes estarão abafados nas dobras da batina dos demais sacerdotes romanos de todo o mundo, que, na sua hipocrisia, apparecem aos homens como modelos de perfeição, esperando tão somente um bemdito acesso, como succedeu ao padre pernambucano, para revelarem publicamente as mazelas morais de que são feitas as almas vis dos padres atuais.

De qualquer fôrma que seja, a ré é sempre a orgulhosa Igreja Romana, que força os seus representantes a um celibato que eles não podem aguentar. E o resultado não pode ser senão este a que acabamos de assistir: a podridão vinda a publico, quando tudo isto poderia ser evitado se essa gente passasse a viver como homens, constituindo familia, como a Natureza ordena e exige de homens de carne e osso como nós.

SPARTACUS.

"A LANTERNA" foi crismada

Batisaram-na na fase anterior, na pessoa do **lanterneiro-mór**, levando-o aos tribunais e aos Cambucis de então.

Não quiz a **santa** gente que ela reaparecesse sem ser crismada.

Foi assim. Aproveitando a comemoração do 5 de Julho, um grupo de **lanterneiros**, rapasiada guapa que não papa-hostias e emprega o seu tempo na atividade em prol da causa da liberdade, andou a distribuir o boletim com que annunciámos o reaparecimento de nosso órgão.

Alguns estiveram na reunião do Municipal e espalharam o prospero herege.

Isso feriu os sagrados sentimentos de uma autoridade. E lá foi um dos **lanterneiros** passar uma noite no xadrez, penitenciando-se do peccado cometido.

Fazia frio como que, mas podia ser pior. Se fosse no tempo da Inquisição...

Saibam, pois, todos quantos esta leem que "A LANTERNA" foi crismada.

Acima dos partidos

Por ocasião do ultimo pleito eleitoral, não faltou quem extrañhasse que nós não apressassemos o aparecimento de "A LANTERNA", afim de tomarmos parte nas eleições, sustentando candidaturas de anticlericaes.

Os clericaes vão eleger elementos seus; porque não fazemos o mesmo?

Esperamos, porém, que todos concordem com a nossa abstenção, desde que fique bem esclarecido o carater independente deste jornal.

"A LANTERNA" não é um jornal politico, mas uma folha de combate **anticlerical** — e é essa a sua carateristica essencial, que lhe dá um lugar aparte e faz com que preencha uma lacuna.

Se pertencesse a uma facção politica, não seria mais do que a reedição, a repetição de tantos outros que, seguindo uma orientação politica especial, fazem tambem anticlericalismo, como acrescimo.

"A LANTERNA" é órgão anticlerical, isto é, órgão daes que dão combate á influencia e ação do clero e defendem a liberdade de pensamento, e o seu escopo é congregar o maior numero possivel de elementos sinceramente animados do mesmo desejo, qualquer que seja a sua facção politica. Ora iriamos de encontro a esse fim, dividindo em vez de congregar, perdendo o carater especifico que temos, se tomassemos partido na actual tendenda politica, afastando de nós os anticlericaes alistados no campo contrario e os que pertencem a escolas filosoficas ou sociologicas francamente inimigas do parlamentarismo e de qualquer ação eleitoral.

Se quizessemos captar as simpatias e favores dos poderosos, dos influentes ou dos dominadores da hora actual, poderiamos, abandonando o fim que tivemos em vista, achar grande conveniencia em cortejar este ou aquele grupo, seguir esta ou aquela facção, calcular as probabilidades de vitoria deste ou daquele partido...

Mas queremos ser fieis ao escopo que nos propuzemos e é inutil que dele nos tentem desviar, pois achariamos preferivel deixar morrer o jornal, se os anticlericaes separados e obcecados por paixões politicas, fossem incapazes de colaborar numa obra comum de propaganda e de ação, na qual todos estão de accordo.

O interesse da nossa causa, exigindo a união de todas as forças vivas, reclama um jornal extra-partidario.

Este carater extra-partidario dá-nos tambem maior independencia para a critica e apreciação de todos os atos, venham de onde vierem. E todos sem esforço reconhecerão que, se nós formos uma força respeitada e unida, nada temos que recear dos candidatos e governantes porventura hostis; ao passo que, se formos fracos e desunidos, nada poderemos esperar de politicos favoraveis, em face dum inimigo solidamente organizado e poderoso...

Eis porque a nossa união e a nossa força são o principal para nós e merecem bem um órgão especial, extra-partidario; e muito particularmente depois de passada a actual tormenta, não faltará decerto quem francamente nos aprove.

Catecismo Hereje -

Hipócritas são, de fato, todos os padres; hipócritas tem sido todos os papas; hipócritas são todos os carolas que batem no peito, enquanto pensam no melhor meio de enganar o proximo. — B. M.

Séculos e séculos de educação jesuitica, fizeram com que gravitasse sobre a humanidade o pesado fardo da ignorancia, da resignação e da obediencia.

Esse demonio da intolerancia com a mudança dos tempos gemeu, mas não afrouxou a sua corda; a alma indefectivel do clero constantemente se fez mais ou menos verdugo do pensamento, da palavra, das ações, de tudo. — ANACORENTE.

Muito importante!

Quem, de fato, sente a necessidade da obra a que se destina "A Lanterna" deve dar prova disso de uma maneira concreta, pagando imediatamente sua assinatura.

Francamente: sem que se faça isso sem perda de tempo, não teremos possibilidade de publicar o jornal.

Esta não é uma empresa comercial com fins de lucros. É uma iniciativa desinteressada objetivando a campanha em prol de um ideal.

Para a montagem da sede, aluguéis, impressos, expedição de circulares, desenhos, clichês, livros, propaganda por meio de boletins, custeio da avultada edição de hoje, não tinhamos recurso algum nem o pedimos a quem quer que seja.

Como vivemos de nossos ordenados, tivemos que assumir pesados compromissos para fazer face a todas as despesas. E esses compromissos devem ser satisfeitos logo. Não devemos nem queremos proceder diversamente.

Conforme dizemos em outra parte, expedimos este numero a muitos milhares de pessoas conhecidas como anticlericais.

E cada semana teremos uma edição nova, com novas e grandes despesas.

Todos aqueles que querem que "A LANTERNA" se publique como porta-voz da campanha anticlerical, devem, pois, concorrer para a sua manutenção, pagando prontamente suas assinaturas.

"A LANTERNA" não tem subvenção alguma, não mama

nas tetas dos cofres publicos, não tem a renda facil do balcão da Igreja, conta, apenas, com a contribuição dos amigos de sua obra.

Nem mesmo materia paga temos. A propaganda precisa de todo o espaço do jornal e nós não podemos distrair tempo e esforços na angariação de anúncios.

A venda avulsa serve apenas para a propaganda, pois dá prejuízo. A subscrição voluntaria ainda não permite uma entrada apreciável.

As assinaturas são, portanto, a unica fonte dos recursos para a manutenção do jornal.

Os amigos do interior que remetam as importancias em vales postaes, cartas e registadas com valor declarado, cheques bancarios ou ordem de pagamento contra alguma casa comercial de S. Paulo.

Os amigos da capital prestam um bom auxilio ao jornal pagando as assinaturas na redação, ou facilitando o trabalho dos colaboradores.

Em conclusão: é necessaria a publicação d'"A LANTERNA"? A resposta afirmativa deve ser dada com a contribuição indispensavel e urgente para a manutenção do jornal que se destina ao combate á clericalna em defesa da liberdade de pensamento.

Estamos certos de que este apelo encontrará franco apoio entre todos os elementos que sentem, efetivamente, a necessidade da campanha contra o ultramontanismo dominador.

O que dizia aos padres um grande genio

Vós vendeis o batismo no dia do nascimento.
Vendeis aos pecadores as inúteis indulgências.
Vendeis aos namorados o direito de se esposarem.
Vendeis aos moribundos o direito de agonizarem.
Vendeis aos defuntos a missa fúnebre.
Vendeis aos parentes o "ofício" de aniversario.
Vendeis orações, missas, comunhões.
Vendeis rosários, cruzes, benedições.
Nada é sagrado para vós, tudo para vós é mercadoria, até o paraíso.
O altar para vós é um balcão.

VICTOR HUGO.

O Capitulo

O roda-dé a iniciar-se no proximo numero é extraído do interessante romance de Julio Ribeiro "Padre Belchior de Pontes".

E' a parte intitulada "O Capitulo", em que o saudoso escritor descreve, com mão de mestre, uma reunião de jesuitas.

São paginas empolgantes pelos ensinamentos que proporcionam sobre a organização da terrível seita negra e o seu metodo de ação torva para a conquista do dominio do mundo com o esmagamento da liberdade.

E' uma leitura proveitosa.

O illustre filologo Julio Ribeiro, autor do "Padre Belchior de Pontes", faleceu no dia 2 de Novembro de 1890, com 47 annos de idade.

Republicano e livre-pensador, foi na época em que viveu um dos maiores combatentes da grande causa da emancipação humana.

Foi, por isso, muito odiado e muito amado. Amavam-no, com profundo carinho, os seus discipulos e os homens livres. Odiavam-no os padres e os reacionarios conservadores.

Julio Ribeiro, além do "Padre Belchior de Pontes", publicou a "Gramatica da Lingua Portuguesa", o romance "A Carne", e os livros de combate "Cartas Sertanejas" e "O Urubú Senna Freitas", este em resposta ás criticas do padre portuguez Senna Freitas a respeito de "A Carne".

A PARTE INFORMATIVA D' "A LANTERNA"

Destinando-se "A Lanterna" a ser um espelho de tudo quanto se relacionar com o movimento anticlerical, aparece este numero deficiente na parte informativa.

Deu causa a essa falha o acúmulo de trabalho com os preparativos para que o porta-voz do anticlericalismo tenha uma larga difusão por todos os recantos do paiz.

Iremos ampliando essa parte do jornal, contando para isso com a coadjuvção dos amigos, que nos deverão enviar dados e informações.

O NOSSO FOLHETIM

O Jesuita -- O Papa Negro

Este encantador romance de Mezzabota, esta obra empolgante de verdadeira psicologia e de situações dramaticas as mais realçantes e inesquecíveis que aparecem ao leitor num crescendo de interesse e de expectativa, vamos publicá-lo em folhetim, proporcionando aos nossos leitores uma oportunidade unica para conhecerem tão maravilhosos livros.

Em volta duns amores entrecruçados entre Francisco I e a alma dos jesuitas, Diana de Poitiers, o autor desdobra a trama fatídica dessa casta daninha, perversa e hipócrita, desses verdadeiros inimigos da humanidade, da liberdade e do progresso humano — os jesuitas, — seita detestavel e horrorosa, que manobra nas trevas, que tem agentes e espiões por traz de todos os reposteiros, frequentando as alcovas conjugais, espiando a todas as portas, escutando a todas as paredes, habitando em todos os palácios, tudo vigiando atentamente e tudo relatando aos temíveis sotaimes que tomaram o nome de Jesus para mascararem melhor a negra insídia de suas ousadas maquinações antihumanas, antiliberais e antiprogressivas.

Inácio de Loiola ferido e desfigurado na guerra, perdendo com isso o agrado das damas, como o diabo, fez-se frade depois de caduco, separando-se da Ordem dos Templários com mais alguns sequazes para fundar esse terrível exercito de corvos negros, sinistros e embrutecedores do jesuitismo, que desde então vêm conspirando contra tudo que constitue a mais alta ex-

Lanterna Magica

S. S. Pio XI, por espirito de exhibitionismo, ou para dar o prestigio da sua autoridade á famigerada Companhia de Jesus, acaba de publicar um breve circular confirmando aos egreios inventores do probabilismo, da restrição mental, dos casos de consciencia, da compensação oculta, do regicídio e de outras belezas cabeludas, todos os direitos, privilegios e regalias concedidas á aludida Companhia, em 1540, pelo saudoso papa Paulo III, de gloriosa memoria, como se diria na gíria católica.

O ato do sumo pontífice, ora reinante por merecê de Deus, parecem, salvo melhor conceito, uma perfeita redundancia, a não ser, como aventamos linhas acima, que S. S. queira dar á Companhia um testemunho publico e solene do seu incondicional apoio.

Sim, porque nós outros, os excomungados, estamos fartos de saber que a Companhia de Jesus, desde o seu restabelecimento por Pio VII, em 1814, pela bula *Sollicitudo omnium ecclesiarum*, ficou automaticamente investida de todas as suas prerogativas, inclusive a de continuar a dissolver os costumes com a sua moral de contrabando.

O que realmente nos penalisa em toda esta historia da confirmação dos direitos dos jesuitas por Pio XI, é a situação esquerda em que deve estar, no outro mundo, a alma do ex-Deus Clemente XIV que, pela bula *Domini ac redemptor noster*, extinguiu para todo o sempre a Companhia de Jesus.

Mas, não é só. Como Ganganelli ao dissolver a sociedade jesuitica impoz a pena de excomunhão maior para quem quer que contrariasse a sua bula, sem exclusão de ninguém, nem dos papas, que deveremos pensar dos dois Pios, VII e XI, aquele restabelecendo-a e este confirmando-a? Serão excomungados como nós?

Estes pretensos papas infalíveis seriam simplesmente ridiculos se, sob a égide da sua suposta autoridade divina, não tivessemos que lastimar as nefastas consequencias da incomparavel imbecilidade do aprisco católico...

de Columbia, nos Estados Unidos, ao que parece, a serviço da Igreja, procurando saber ao certo que relação podia haver entre a redução da natalidade e o divorcio, consultou, muito americanamente, as estatísticas. Estas, com a impossibilidade glacial dos algarismos, disseram que: 63 % dos divorcios eram de casaes que não tinham nenhum filho; 20 %, tinham um só filho; 9 %, dois filhos e 3 %, tres filhos.

Constatamos que para a centena que a estatística deveria registrar faltam 5 %. Esses 5 % não serão os celibatarios, inclusive os "padres"?

A estatística do dr. A. Cahen nada diz a respeito, o que, aliás, não nos interessa muito.

O que sobreleva constatar, de acordo com as notas acima, é que "a ausência da prole, as mais das vezes intencional, conduz os casaes á desunião, podendo-se afirmar que o casamento feito contra o fim primario do matrimonio, conduz ao divorcio ou á separação", como observa "O SECULO". E acrescenta: "E' a maldição da immoralidade".

Muito bem dito!... Mas, ocorre inquirir. Se ha maldição da immoralidade em casais que se separam por falta accidental ou intencional de filhos, que deveremos pensar dos srs. reverendos que, procurando subtrair-se ás imutaveis e eternas leis do amor e da sexualidade, entregam-se, entretanto, a todos os extravios místicos dos sentidos?

Nesses extravios não haverá, por acaso, a mais formal, a mais energica e a mais severa maldição da immoralidade proveniente da transgressão, calculadamente fingida, das leis da Natureza?

Respondam os entendidos...

D. José Mauricio da Rocha, o abelhudo bispo de Bragança, na ancia intocada de focalizar a sua rica pessoa, discretando, ha dias, pelas columnas do mistico e untuoso jornal "O SECULO", sobre a igreja e a liberdade, teve o sublime topete (e s. ex. parece ser de fato topetudo) de afirmar que: "Ninguém mais do que a Igreja respeita a liberdade, entenda no seu verdadeiro conceito".

Como amostra de audácia não conhecemos melhor tirada!...

Para quem não está ao par das sinuosidades ultramontanas e jesuiticas, a afirmativa do illustre prelado da

igreja é de uma transparencia incontestavel.

Parece até que a igreja sempre morreu de amores pela liberdade dos outros, ao ponto de acender fogueiras nas quais os pobres heréticos que se mostrassem recalitrantes em ser livres á moda padresca, eram piedosamente assados em vida para maior gloria de Deus.

Se, á primeira vista, parece que a igreja é tão amiga da liberdade, como insinua o sr. bispo de Bragança, é preciso que se note que essa liberdade deve ser compreendida no seu verdadeiro conceito, isto é, de conformidade com a mentalidade da igreja católica... Ora, a unica liberdade que a igreja reivindica é a sua liberdade, a liberdade de dominar, de entrar as consciencias e as inteligencias. E' a liberdade de impôr o CREDO MORRE, o dogma, a fé, contra a ciencia e contra a razão. E' a liberdade de realizar autos da fé, por simples suspeitas de impiedade e de confiscar os bens das miserias victimas do seu odio. E' a liberdade de embrutecer a mocidade com o ensino do catecismo nas escolas publicas, da primazia do direito canonico sobre o direito civil, da igreja sobre o Estado, etc., etc.

Que d. Mauricio da Rocha diga essas barbaridades nos templos da sua diocese ou que as mande dizer pelos seus delegados de sotaina ás ovelhas que engolem carapetes de maior tom, compreende-se, mas que as profia em publico, pelas columnas de um jornal, mesmo católico, com o intuito visível de querer tapar o sol com a peneira e de pretender riscar, com seu palavreado capcioso, toda a longa historia do despotismo e da tirania do clericalismo, aí está uma coisa que não lhe permitiremos nunca, sem opor-lhe o mais formal e energico desmentido...

ORLANDO.

CHAMAS BEMDITAS!

"VALENCIA, 19 (H.) — A igreja da Serra, fundada no seculo XVIII, foi destruida por um incendio, cujas causas são ignoradas.

A famosa escultura da Virgem dos Anjos, obra do grande imaginario galego, foi consumida pelas chamas".

E por que os padres não provocaram um milagre para evitar o incendio?

BILHETES E RECADOS

Diz-se que pela quantidade da correspondencia pode ser avaliada a aceitação de uma iniciativa. Se assim é, temos motivos para satisfação: o numero daqueles que por nosso intermedio estão caindo em pecado é já grande...

Uma parte das cartas recebidas está, porém, sem resposta. O trabalho tem sido muito com os preparativos para o aparecimento do jornal.

Informamos, entretanto, aos amigos que todos os assuntos de suas cartas estão sendo resolvidos: os nomes registados, as listas de proveáveis assinantes organizadas, as assinaturas pagas lançadas, etc.

Dentro de breves dias, daremos resposta a todos, enviando-lhes os recibos, folhetos, etc.

O que houver de mais urgente, diremos por este "correio herege".

ARARAQUARA — Paulo: Deve conhecer este ditado: "Quem usa cuida". E' o seu caso. Errou o alvo: não lidamos com padres. Dirija-se ao vigário mais proximo e será satisfeito...

RIO — Alexandre: O pacote do folheto não chegou. Não se esqueça da colaboração.

RIO — Sebastião: Foram três as cartas endereçadas para sua casa.

Respondam os entendidos...

D. José Mauricio da Rocha, o abelhudo bispo de Bragança, na ancia intocada de focalizar a sua rica pessoa, discretando, ha dias, pelas columnas do mistico e untuoso jornal "O SECULO", sobre a igreja e a liberdade, teve o sublime topete (e s. ex. parece ser de fato topetudo) de afirmar que: "Ninguém mais do que a Igreja respeita a liberdade, entenda no seu verdadeiro conceito".

Como amostra de audácia não conhecemos melhor tirada!...

Para quem não está ao par das sinuosidades ultramontanas e jesuiticas, a afirmativa do illustre prelado da

igreja é de uma transparencia incontestavel.

Parece até que a igreja sempre morreu de amores pela liberdade dos outros, ao ponto de acender fogueiras nas quais os pobres heréticos que se mostrassem recalitrantes em ser livres á moda padresca, eram piedosamente assados em vida para maior gloria de Deus.

Se, á primeira vista, parece que a igreja é tão amiga da liberdade, como insinua o sr. bispo de Bragança, é preciso que se note que essa liberdade deve ser compreendida no seu verdadeiro conceito, isto é, de conformidade com a mentalidade da igreja católica... Ora, a unica liberdade que a igreja reivindica é a sua liberdade, a liberdade de dominar, de entrar as consciencias e as inteligencias. E' a liberdade de impôr o CREDO MORRE, o dogma, a fé, contra a ciencia e contra a razão. E' a liberdade de realizar autos da fé, por simples suspeitas de impiedade e de confiscar os bens das miserias victimas do seu odio. E' a liberdade de embrutecer a mocidade com o ensino do catecismo nas escolas publicas, da primazia do direito canonico sobre o direito civil, da igreja sobre o Estado, etc., etc.

Que d. Mauricio da Rocha diga essas barbaridades nos templos da sua diocese ou que as mande dizer pelos seus delegados de sotaina ás ovelhas que engolem carapetes de maior tom, compreende-se, mas que as profia em publico, pelas columnas de um jornal, mesmo católico, com o intuito visível de querer tapar o sol com a peneira e de pretender riscar, com seu palavreado capcioso, toda a longa historia do despotismo e da tirania do clericalismo, aí está uma coisa que não lhe permitiremos nunca, sem opor-lhe o mais formal e energico desmentido...

ORLANDO.

CHAMAS BEMDITAS!

"VALENCIA, 19 (H.) — A igreja da Serra, fundada no seculo XVIII, foi destruida por um incendio, cujas causas são ignoradas.

A famosa escultura da Virgem dos Anjos, obra do grande imaginario galego, foi consumida pelas chamas".

E por que os padres não provocaram um milagre para evitar o incendio?

Diz-se que pela quantidade da correspondencia pode ser avaliada a aceitação de uma iniciativa. Se assim é, temos motivos para satisfação: o numero daqueles que por nosso intermedio estão caindo em pecado é já grande...

Uma parte das cartas recebidas está, porém, sem resposta. O trabalho tem sido muito com os preparativos para o aparecimento do jornal.

Informamos, entretanto, aos amigos que todos os assuntos de suas cartas estão sendo resolvidos: os nomes registados, as listas de proveáveis assinantes organizadas, as assinaturas pagas lançadas, etc.

Dentro de breves dias, daremos resposta a todos, enviando-lhes os recibos, folhetos, etc.

O que houver de mais urgente, diremos por este "correio herege".

ARARAQUARA — Paulo: Deve conhecer este ditado: "Quem usa cuida". E' o seu caso. Errou o alvo: não lidamos com padres. Dirija-se ao vigário mais proximo e será satisfeito...

RIO — Alexandre: O pacote do folheto não chegou. Não se esqueça da colaboração.

RIO — Sebastião: Foram três as cartas endereçadas para sua casa.

Respondam os entendidos...

D. José Mauricio da Rocha, o abelhudo bispo de Bragança, na ancia intocada de focalizar a sua rica pessoa, discretando, ha dias, pelas columnas do mistico e untuoso jornal "O SECULO", sobre a igreja e a liberdade, teve o sublime topete (e s. ex. parece ser de fato topetudo) de afirmar que: "Ninguém mais do que a Igreja respeita a liberdade, entenda no seu verdadeiro conceito".

Como amostra de audácia não conhecemos melhor tirada!...

Para quem não está ao par das sinuosidades ultramontanas e jesuiticas, a afirmativa do illustre prelado da

igreja é de uma transparencia incontestavel.

Parece até que a igreja sempre morreu de amores pela liberdade dos outros, ao ponto de acender fogueiras nas quais os pobres heréticos que se mostrassem recalitrantes em ser livres á moda padresca, eram piedosamente assados em vida para maior gloria de Deus.

Se, á primeira vista, parece que a igreja é tão amiga da liberdade, como insinua o sr. bispo de Bragança, é preciso que se note que essa liberdade deve ser compreendida no seu verdadeiro conceito, isto é, de conformidade com a mentalidade da igreja católica... Ora, a unica liberdade que a igreja reivindica é a sua liberdade, a liberdade de dominar, de entrar as consciencias e as inteligencias. E' a liberdade de impôr o CREDO MORRE, o dogma, a fé, contra a ciencia e contra a razão. E' a liberdade de realizar autos da fé, por simples suspeitas de impiedade e de confiscar os bens das miserias victimas do seu odio. E' a liberdade de embrutecer a mocidade com o ensino do catecismo nas escolas publicas, da primazia do direito canonico sobre o direito civil, da igreja sobre o Estado, etc., etc.

Que d. Mauricio da Rocha diga essas barbaridades nos templos da sua diocese ou que as mande dizer pelos seus delegados de sotaina ás ovelhas que engolem carapetes de maior tom, compreende-se, mas que as profia em publico, pelas columnas de um jornal, mesmo católico, com o intuito visível de querer tapar o sol com a peneira e de pretender riscar, com seu palavreado capcioso, toda a longa historia do despotismo e da tirania do clericalismo, aí está uma coisa que não lhe permitiremos nunca, sem opor-lhe o mais formal e energico desmentido...

ORLANDO.

CHAMAS BEMDITAS!

"VALENCIA, 19 (H.) — A igreja da Serra, fundada no seculo XVIII, foi destruida por um incendio, cujas causas são ignoradas.

A famosa escultura da Virgem dos Anjos, obra do grande imaginario galego, foi consumida pelas chamas".

E por que os padres não provocaram um milagre para evitar o incendio?

Diz-se que pela quantidade da correspondencia pode ser avaliada a aceitação de uma iniciativa. Se assim é, temos motivos para satisfação: o numero daqueles que por nosso intermedio estão caindo em pecado é já grande...

Uma parte das cartas recebidas está, porém, sem resposta. O trabalho tem sido muito com os preparativos para o aparecimento do jornal.

Informamos, entretanto, aos amigos que todos os assuntos de suas cartas estão sendo resolvidos: os nomes registados, as listas de proveáveis assinantes organizadas, as assinaturas pagas lançadas, etc.

Dentro de breves dias, daremos resposta a todos, enviando-lhes os recibos, folhetos, etc.

O que houver de mais urgente, diremos por este "correio herege".

ARARAQUARA — Paulo: Deve conhecer este ditado: "Quem usa cuida". E' o seu caso. Errou o alvo: não lidamos com padres. Dirija-se ao vigário mais proximo e será satisfeito...

RIO — Alexandre: O pacote do folheto não chegou. Não se esqueça da colaboração.

RIO — Sebastião: Foram três as cartas endereçadas para sua casa.

Respondam os entendidos...

D. José Mauricio da Rocha, o abelhudo bispo de Bragança, na ancia intocada de focalizar a sua rica pessoa, discretando, ha dias, pelas columnas do mistico e untuoso jornal "O SECULO", sobre a igreja e a liberdade, teve o sublime topete (e s. ex. parece ser de fato topetudo) de afirmar que: "Ninguém mais do que a Igreja respeita a liberdade, entenda no seu verdadeiro conceito".

Como amostra de audácia não conhecemos melhor tirada!...

Para quem não está ao par das sinuosidades ultramontanas e jesuiticas, a afirmativa do illustre prelado da

igreja é de uma transparencia incontestavel.

Parece até que a igreja sempre morreu de amores pela liberdade dos outros, ao ponto de acender fogueiras nas quais os pobres heréticos que se mostrassem recalitrantes em ser livres á moda padresca, eram piedosamente assados em vida para maior gloria de Deus.

Se, á primeira vista, parece que a igreja é tão amiga da liberdade, como insinua o sr. bispo de Bragança, é preciso que se note que essa liberdade deve ser compreendida no seu verdadeiro conceito, isto é, de conformidade com a mentalidade da igreja católica... Ora, a unica liberdade que a igreja reivindica é a sua liberdade, a liberdade de dominar, de entrar as consciencias e as inteligencias. E' a liberdade de impôr o CREDO MORRE, o dogma, a fé, contra a ciencia e contra a razão. E' a liberdade de realizar autos da fé, por simples suspeitas de impiedade e de confiscar os bens das miserias victimas do seu odio. E' a liberdade de embrutecer a mocidade com o ensino do catecismo nas escolas publicas, da primazia do direito canonico sobre o direito civil, da igreja sobre o Estado, etc., etc.

Que d. Mauricio da Rocha diga essas barbaridades nos templos da sua diocese ou que as mande dizer pelos seus delegados de sotaina ás ovelhas que engolem carapetes de maior tom, compreende-se, mas que as profia em publico, pelas columnas de um jornal, mesmo católico, com o intuito visível de querer tapar o sol com a peneira e de pretender riscar, com seu palavreado capcioso, toda a longa historia do despotismo e da tirania do clericalismo, aí está uma coisa que não lhe permitiremos nunca, sem opor-lhe o mais formal e energico desmentido...

ORLANDO.

CHAMAS BEMDITAS!

"VALENCIA, 19 (H.) — A igreja da Serra, fundada no seculo XVIII, foi destruida por um incendio, cujas causas são ignoradas.

A famosa escultura da Virgem dos Anjos, obra do grande imaginario galego, foi consumida pelas chamas".

E por que os padres não provocaram um milagre para evitar o incendio?

Diz-se que pela quantidade da correspondencia pode ser avaliada a aceitação de uma iniciativa. Se assim é, temos motivos para satisfação: o numero daqueles que por nosso intermedio estão caindo em pecado é já grande...

Uma parte das cartas recebidas está, porém, sem resposta. O trabalho tem sido muito com os preparativos para o aparecimento do jornal.

Informamos, entretanto, aos amigos que todos os assuntos de suas cartas estão sendo resolvidos: os nomes registados, as listas de proveáveis assinantes organizadas, as assinaturas pagas lançadas, etc.

Dentro de breves dias, daremos resposta a todos, enviando-lhes os recibos, folhetos, etc.

O que houver de mais urgente, diremos por este "correio herege".

ARARAQUARA — Paulo: Deve conhecer este ditado: "Quem usa cuida". E' o seu caso. Errou o alvo: não lidamos com padres. Dirija-se ao vigário mais proximo e será satisfeito...

RIO — Alexandre: O pacote do folheto não chegou. Não se esqueça da colaboração.

RIO — Sebastião: Foram três as cartas endereçadas para sua casa.

Respondam os entendidos...

D. José Mauricio da Rocha, o abelhudo bispo de Bragança, na ancia intocada de focalizar a sua rica pessoa, discretando, ha dias, pelas columnas do mistico e untuoso jornal "O SECULO", sobre a igreja e a liberdade, teve o sublime topete (e s. ex. parece ser de fato topetudo) de afirmar que: "Ninguém mais do que a Igreja respeita a liberdade, entenda no seu verdadeiro conceito".

Como amostra de audácia não conhecemos melhor tirada!...

Para quem não está ao par das sinuosidades ultramontanas e jesuiticas, a afirmativa do illustre prelado da

igreja é de uma transparencia incontestavel.

Parece até que a igreja sempre morreu de amores pela liberdade dos outros, ao ponto de acender fogueiras nas quais os pobres heréticos que se mostrassem recalitrantes em ser livres á moda padresca, eram piedosamente assados em vida para maior gloria de Deus.

Se, á primeira vista, parece que a igreja é tão amiga da liberdade, como insinua o sr. bispo de Bragança, é preciso que se note que essa liberdade deve ser compreendida no seu verdadeiro conceito, isto é, de conformidade com a mentalidade da igreja católica... Ora, a unica liberdade que a igreja reivindica é a sua liberdade, a liberdade de dominar, de entrar as consciencias e as inteligencias. E' a liberdade de impôr o CREDO MORRE, o dogma, a fé, contra a ciencia e contra a razão. E' a liberdade de realizar autos da fé, por simples suspeitas de impiedade e de confiscar os bens das miserias victimas do seu odio. E' a liberdade de embrutecer a mocidade com o ensino do catecismo nas escolas publicas, da primazia do direito canonico sobre o direito civil, da igreja sobre o Estado, etc., etc.

Que d. Mauricio da Rocha diga essas barbaridades nos templos da sua diocese ou que as mande dizer pelos seus delegados de sotaina ás ovelhas que engolem carapetes de maior tom, compreende-se, mas que as profia em publico, pelas columnas de um jornal, mesmo católico, com o intuito visível de querer tapar o sol com a peneira e de pretender riscar, com seu palavreado capcioso, toda a longa historia do despotismo e da tirania do clericalismo, aí está uma coisa que não lhe permitiremos nunca, sem opor-lhe o mais formal e energico desmentido...

ORLANDO.

CHAMAS BEMDITAS!

"VALENCIA, 19 (H.) — A igreja da Serra, fundada no seculo XVIII, foi destruida por um incendio, cujas causas são ignoradas.

A famosa escultura da Virgem dos Anjos, obra do grande imaginario galego, foi consumida pelas chamas".

A Lanterna

JORNAL DE COMBATE AO CLERICALISMO

São Paulo, 13 - 7 - 1933

Red. e Ad.: R. Senador Feijó, 8-B — Caixa Postal, 2162

ANO XI — NUM. 354

Na frente de batalha contra o domínio do clericalismo

No Maranhão

A LIGA ANTICLERICAL MARANHENSE LANÇA O SEU PROGRAMA DE LUTA ATIVA

Com sede em S. Luiz, está desenvolvendo grande atividade a Liga Anticlerical Maranhense, com a larga difusão de um boletim contendo o seu programa de ação que é o seguinte:

- 1.º — Separação completa da Igreja do Estado;
 - 2.º — Promulgação da Constituição em nome do Povo;
 - 3.º — Laicização e unificação da escola;
 - 4.º — Casamento civil;
 - 5.º — Divórcio;
 - 6.º — Supressão de subvenções à Igreja;
 - 7.º — Supressão da embaixada brasileira junto ao Vaticano;
 - 8.º — Pagamento pelo clero de imposto de indústria ou profissão e sobre renda;
 - 9.º — Moralização da sociedade pelo combate sistemático ao celibato dos padres;
 - 10.º — Proibição do uso das vestes sacerdotais fora dos templos.
- Brasileiros!
- Eis o nosso programa. Por ele, havemos de lutar encarniçadamente, pois queremos evitar que os abutres do clericalismo enterrem suas garras aduncas na consciência e na bolsa dos nossos irmãos.

A campanha anti-clerical é a campanha contra o analfabetismo, contra a devassidão, contra a corrupção geral dos costumes, contra a exploração da ignorância popular por indivíduos que, dizendo-se representantes de Deus único, praticam os mais absurdos ritos pagãos.

Isolados, iniciamos o movimento de idéas em prol da liberdade de consciência, periclitante com a nefasta influência do clero romano.

Hoje, paralelamente, á nossa atuação, contam-se forças poderosas, que será inútil enumerar porque já são do conhecimento público.

Brevemente, publicaremos o Manifesto da Liga Anticlerical.

Todos os livre-pensadores, todos os católicos liberais, todos os credos religiosos para dentro da Liga Anticlerical!

E' o apelo que dirigimos aos emancipados da aviltante tutela do Vaticano!

Ninguém pôde ocultar a gravidade do momento.

Ou combatemos sinceramente, ou nos crenitizaremos de vez.

Ou libertamos o Brasil do sinistro clero romano, ou retrogradaremos séculos na história do pensamento humano.

Avante! Não dar treguas ao inimigo da liberdade!

Fôra os nossos escravizadores!

No Rio de Janeiro

A LIGA ANTICLERICAL, A VETERANA ORGANIZAÇÃO NOSSA, LANÇA UM BRADO DE ALERTA

"Concidadãos!

Incessantemente temos denunciado as ambições políticas da Igreja Católica, hoje transformada em ESTADO DO VATICANO e aliada, pelo tratado de Latráo, ao Estado imperialista italiano, dirigido pelo maior despotismo vivo no mundo — Benito Mussolini. Isso prova que a Igreja, como sempre afirmamos, é uma instituição, por natureza, reacionária, inimiga da liberdade de pensamento e das modernas conquistas sociais.

Agora, o jesuíta Luiz Riou, diretor da Federação das Congregações Marianas, em nome da autoridade metro-

De Norte a Sul do país ativa-se a luta sustentada pelas organizações anticlericais

politana e do Sumo Pontífice, inteiramente subordinada ao jesuitismo, acaba de proclamar a obrigatoriedade do alistamento eleitoral de católicos homens e mulheres, sob pena de não obterem absolvição dos pecados na confissão.

Temos, assim, mais uma prova clara, inofismável, do que afirmamos sempre: ser a confissão uma abominável arma política de que se vale a Igreja para dominar as massas inconscientes.

Concidadãos! A Igreja, escuraçada de Espanha e do México, tais os incriveis males causados lá por essa instituição parasitária e exploradora dos pobres, tenta criar no Brasil a mesma situação por ela perdida naqueles países.

A Liga Anticlerical do Rio de Janeiro dá mais um brado de alerta contra esses espíes estrangeiros, mancomunados com despotas imperialistas e concita todos os espíritos independentes a se inscreverem na Liga Anticlerical e congregarem todos os seus esforços na luta contra essa anacrônica e indesejável camorra internacional.

Cidadão! Estás convencido de que a Igreja Católica é um estorvo ao progresso, á civilização? Então do teu dever ing... na LIGA ANTICLERICAL."

Em Campinas

COMO UM BALUARTE CONTRA O ULTRAMONTANISMO, SURGE A LIGA ANTICLERICAL

"Em reunião efetuada no dia 17 do mez passado, com uma concorrência que ultrapassou toda a expectativa, foi definitivamente fundada a Liga Anticlerical de Campinas, ficando a sua diretoria composta dos seguintes companheiros:

Presidente, Attilio Pessagno; Vice, João Bagnoli; 1.º tesoureiro, José de Freitas; Secretário geral, Virgílio Pessagno; 1.º secretário, Raymundo Urbano, e 2.º tesoureiro, João Teixeira.

Depois de procedida a leitura dos estatutos, falaram diversos camaradas, entre os quais Attilio Pessagno, José da Silva Pereira e Virgílio Pessagno, que, discorrendo sobre a fundação da Liga, sobre os fins combativos a que esta se propõe e mais outros assuntos palpitantes concernentes á mesma e contra a ação nefasta e infamante do clero, fizeram bellissimas alocações, sendo vivamente aplaudidos. Esses esforços companheiros, concitando os presentes a congregar esforços, coordenar energias e cooperar decididos e resolutos para desinvolvimento da Liga e para o empreendimento de uma campanha severa e grandiosa de saneamento contra esse elemento execrável e pernicioso de batina, souberam, numa exortação quente, energética e vibrante, levar a numerosa assistência ao auge de entusiasmo.

Logo após terminada a reunião, que decorreu animadíssima, um numero avultado de pessoas, cujos nomes ainda não figuravam nas listas de adesões, alistou-se no quadro social e tudo faz crer que essa obra de arregimentação se intensifique cada vez mais e que será levada avante num contínuo incremento e sem esmorecimento. Em suma, foi um verdadeiro sucesso que ninguém esperava e uma bellissima noite de propaganda.

A Liga Anticlerical neste vaticano paulista, promete ser um colosso e é de presumir que os seus objetivos sejam coroados do melhor exito. Reina grande entusiasmo e animação, não se falando noutra coisa. A padralhada

já hade estar com a pulga atrás da orelha e alvorçada como as baratas quando advinham chuva. De resto, já era tempo de fazer frente á obra nociva e deletéria deste famigerado centro de urubús. E agora que temos a nossa Liga, mãos á obra! E' trabalhar com afinco, dedicação e despreendimento e não poupar esforços, afim de torná-la grande, como grande é a messe que ela nos promete. O bispoite com a sua catedral de sotainas, de beatas papa-hostias e ratões de igreja, que arreganhem a dentuça, torçam o focinho e mordam o beijo de raiva, por ora. Isto emquanto a cucu-gna dura..."

No proximo numero publicaremos os estatutos da Liga Anticlerical de Campinas.

Em Pelotas

TAMBEM NESTA CIDADE SULINA HA UMA LIGA ANTICLERICALISTA EM FRANCA PELEJA

"Nortado pelo superior intuito de combater, dentro dos preceitos legais, o surto politico-religioso católico ro-

...a Liga Anticlericalista, o que levou a efeito na noite de 23 de Fevereiro do corrente ano.

A diretoria ficou assim constituída: Presidente de honra, dr. C. Corrêa Barcelos; efetivo, dr. M. S. Gomes de Freitas; vice-presidente, dr. Alvaro da Silva; 1.º secretário, dr. Ernane Martins; 2.º secretário, dr. Djalma de Matos; 3.º secretário, Januario Fran-

Um caloroso apelo

Aos que receberem "A Lanterna"

Remetemos este numero d'"A LANTERNA" a muitos milhares de pessoas residentes em todos os Estados. Preocupados em dar á irradiação precisa á propaganda anticlerical, tratamos de conseguir e ordenar a maior quantidade possível de endereços de anticlericais de todas as tendencias e de todos aqueles que nos foram indicados como libertos da peçonha ultramontana, agindo, de algum modo, contra a crescente influencia das hostes negras papalinas em todos os ramos da vida brasileira.

Custou-nos isso um demorado e absorvente trabalho, que nos ocupou quasi inteiramente a atividade de semanas a fio, além de despesas apreciáveis.

Estamos, porém, satisfeitos. "A LANTERNA" chegará a todos os recantos do Brasil, veiculando o brado de alerta das consciências livres contra o domínio avassalador do ultramontanismo, que nos pretende escravizar á tirania negreganda do Vaticano.

Essa larga difusão do jornal exige uma tiragem avultada, hoje muito dispendiosa, em virtude do encarecimento do papel, e um custoso serviço de remessa postal.

E' preciso, portanto, que a essa soma enorme de esforços e de despesas correspondam os resultados precisos em prol da campanha contra a cleresia, que é a razão de ser d'"A LANTERNA".

Esse objetivo será alcançado com o aproveitamento cuidadoso da distribuição do jornal.

Para isso, precisamos que cada pessoa a quem remetemos o jornal acuse imediatamente, PELA VOLTA DO CORREIO, o seu recebimento, dizendo que quer continuar a receber o SEU órgão (não esperamos outra coisa), informando-nos se o nome e o endereço estão certos.

Podemos ainda os amigos do jornal prestar-lhe um outro auxilio, que consiste em procurar saber quem mais, em sua cidade, recebe "A LANTERNA" e fazer com que nos escreva imediatamente.

Ainda mais: pedirem ao agente do correio que nos devolva sem demora todos os exemplares destinados a pessoas não encontradas.

Se, por ventura, houver quem não deseje continuar a receber a folha, que a devolva com urgencia. Será um obsequio especial.

vogaes, dr. Armando Fagundes, Atto Aquino, Catulo de Matos, David Valente da Costa, Francisco de P. Vermeti, Lelio Martins Falcão, dr. Leonardo Brasil Collares, Lourival Carneiro, dr. Miguel de Souza Soares, dr. Ramon Torres Badia, Roco Felipe e dr. T. Amaral Braga".

ci; tesoureiro, Augusto Vergez; adjunto, Alvaro Amorim de Almeida;

Em Porto Alegre

ESTA' FUNDADA NA CAPITAL GAUCHA A LIGA ANTICLERICALISTA

Fundada em 11 de Abril passado a Liga Anticlericalista da capital do Rio Grande do Sul está em plena atividade ao redor, principalmente, do programa seguinte:

1.º — Reunir sob a égide da fraternidade todos os elementos de combatividade ao clericalismo audaz e perigoso;

2.º — Congregar todos os agrupamentos ou coletividades dispersas sob uma unica orientação e finalidade;

3.º — Defender os direitos adquiridos, conquistados pela constituinte de 1891, maxime no que se refere ao artigo 72 e paragrafos 3, 4, 5, 6 e 7 do citado artigo;

4.º — Organização social;

5.º — Proteção mútua — um por todos e todos por um — sem cogitar de credos religiosos, filosoficos ou politicos.

Dentro dessas bases, convidamos os que conosco estiverem concordes, a nos trazer a necessaria solidariedade, certos que, pela unificação dos que sentem interesse pelo futuro deste grande país, reduziremos o maior inimigo que é a politica clerical ao zero que os seus sacerdotes trazem na cambuca.

A "Santa" aliança para o crime



Papado e fascismo dão-se as mãos banhadas no sangue dos mártires da liberdade.

Após o interrégno em que a sanha clerical imperou desenfreada

Nestes 17 anos que A LANTERNA deixou de circular quantos acontecimentos de vulto se desenrolaram, quantos fatos se desenvolveram no desdobrar da vida social, quantas tragédias se representaram no palco do mundo, no cenário da vida internacional?

Pode-se dizer, sem temor de desmentido, que nunca, como neste intercurso de tempo, nestes 17 anos que deixamos de palear com os nossos leitores e correligionarios, se deram na vida da humanidade abalos tão formidáveis como os acontecidos durante este interrégno.

Suspendemos A LANTERNA em 1916, quando ainda ninguém previa o fim da guerra europeia que sacudiu o planeta em convulsões trágicas de morte, em nevroses horribes de destruição e de pavor.

Pouco depois caía o despotismo russo, aquele milenar czarismo que submetia á mais negregada miséria e escravidão aquele povo heroico ansioso de socego, e que se sacrificou á liberdade. Em fins de 1918, com a queda do Kaizer, com o rebanter da Revolução na Alemanha, os militares germânicos solicitaram dos aliados e aceitaram incondicionalmente a paz que estes lhes impozeram.

Foi, pois, aquela uma época das maiores agitações que o mundo já tenha talvez contemplado, uma guerra de quatro anos e meio envolvendo em luta quasi todas as nações do globo, culminando na queda fragorosa de monarquias milenarias, no desmoronamento dos mais dilatados e agueridos impérios, no esfearlar tremendo de paizes militaristas, regalistas e jesuíticos compostos duma colcha de retalhos de povos os mais diferentes por lingua, por raça e por tradições e costumes, como a Austria, e que se dissolveu ao peso de tamanho crime e de tão demorada e caudalosa sangueira.

Pois foi nesta época de tantas calamidades e de tão formidáveis acontecimentos que A LANTERNA deixou de falar aos seus amigos e leitores, dando umas férias tão mal merecidas aos inimigos do genero humano — esses padres, esses frades, esses clérigos, esses bispos, cardeais e papas que vivem propinando o ópio da resignação á infeliz e pobre humanidade para melhor a poderem ludibriar e mais pacificamente a poderem tosquiar.

Esses acontecimentos vultuosos que impressionaram e prejudicaram todas as criaturas em seus afetos mais puros, em suas ternuras mais intimas, em seus interesses mais sagrados; essa tragédia imane em que toda a humanidade verteu sangue, derramou lagrimas, escoreu suor, padeceu fomes e frios indizíveis, viveu desesperos de loucura, de espanto e de terror, só aproveitou á casta dos padres, só serviu a essa instituição de mentira e de imposturice chamada igreja catolica, só deu prestigio aos reverendos tonsurados do globo para eles colherem mèses mais fartas, beneficios mais pingues, salarios mais propicios.

Depois dos ataques nos campos de batalha os corvos imundos descem á terra farejando a carniça, a carcassa dos pobres

soldados mortos ingloriamente imolados á loucura e tolíce e ambição dos poucos que tudo mandam e tudo ordenam.

Pois é o que faz a igreja e os padres seus asséclas. Quando as desgraças férem a humanidade dum modo inuzitado e cruel, aparecem os padres a dizer que isso é castigo do céu, que é Deus que manda as desventuras contra os homens em vista destes serem muito pecadores e que é necessario correr ás igrejas a levar as suas parcas economias, os seus insignificantes haveres para que os sacerdotes supliquem ao criador de todas as coisas o perdão de todos os desviados da sua doutrina. E as igrejas enchem-se, e os padres enriquecem, e a religião cria prestigio e o papa conquista a sua autonomia, fazendo um acordo leonino com o chefe dos fascistas, o nefando Mussolini, que admite o Vaticano como Estado Livre, dando ainda ao Papa, dos cofres publicos, 2 ou 3 bilhões de liras, para se sustentarem mutuamente de pé, para engodarem o povo, para patelarem indevidamente o seu nefasto predomínio, a sua nefasta influencia de aves de rapina a dilacerarem a humanidade resignada, ignorante e sofredora.

Retomamos, hoje, a nossa tarefa, animados do desejo de dar combate franco á mentira clerical, á sua moral bárbara e rebarbativa, á sua influencia nefanda e embrutecedora. Esperamos que todos os espíritos libertos do ambiente de sacristia, que todas as inteligencias evoluídas e desempoeiradas nos ajudem e secundem em tão rude e importante tarefa.

Aldo.

A LIGA ANTICLERICAL DE S. PAULO

Está em reconstituição a antiga Liga Anticlerical de S. Paulo. Fundada durante o periodo da primeira fase d'"A Lanterna", reenctou a sua atividade em 1910, voltando agora a ocupar o seu posto de combate na luta contra o ultramontanismo.

Antigos membros da direção da Liga Anticlerical primitiva estão procedendo ao trabalho de adaptação dos estatutos, para serem apresentados a uma proxima reunião.

Contas do Rosario

— Mamãe, estou com dores de estomago, disse o pequeno Fábio.

— E' porque ainda não comeste nada e o estomago está vazio, meu filho. Sentir-te-ias melhor se tivesses alguma cousa dentro d'ele.

Depois da refeição vem o abade fazer-lhe uma visita e queixa-se á senhora de dores de cabeça que o atormentam.

— E' porque o snr. tem a cabeça vasia, observa o menino: sentir-se-ia muito melhor se dentro dela tivesse alguma cousa.



O Padre. — Dai, amados irmãos, esmola para a Senhora da Paz.

O Devoto. — Então, a Santa também come, senhor abade?

O Padre. — Não, meu irmão, os santos não comem; o que vos peço é esmola para reconstruir o templo que o terremoto arrazou.

O Devoto. — Nessa não caio eu; é pecado ir contra a vontade divina.